

MST: A PEDAGOGIA FREIRIANA A FAVOR DA FORMAÇÃO DO SEM TERRA

BRITO, Nilza Bispo – UEFS – nilzahist@yahoo.com.br
FRANÇA, Jene Marcia Coelho Barros – UEFS – jenemarcia@yahoo.com.br
NASCIMENTO, Priscila Brasileiro Silva – UEFS – pitybrasil@hotmail.com
PEREIRA, Cremilda Rodrigues – cremegeo@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a pedagogia utilizada pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, comparando-a com a pedagogia libertadora desenvolvida pelo educador Paulo Freire demonstrando as influências e contribuições freiriana para o Movimento. Para efetivação da proposta recorre-se ao livro intitulado *A Pedagogia do Movimento Sem Terra* escrito por Roseli Salet Caldart.

Palavras-Chave: Pedagogia, Educação, Libertação, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

ABSTRACT

This work aims to analyse the pedagogy utilized by the Landless Rural Workers Movement in comparison with the Paulo Freire's liberation pedagogy demonstrating the influences and the contributions of the Freire's pedagogy to the movement cited above. The work will be developed based on the book *A Pedagogia do Movimento Sem Terra* written by Roseli Salet Caldart.

Keywords: Pedagogy, Education, Liberation, Landless Rural Workers Movement.

Considerado o mais celebre educador brasileiro Paulo Freire, destaca-se pelo método de alfabetização de adultos, desenvolvido por ele próprio e dotado de um pensamento pedagógico político assumido. Freire teve como maior objetivo transformar a educação em um mecanismo de conscientização do sujeito, a favor de sua própria libertação. A tentativa de Freire em valer-se da educação para que os sujeitos se percebessem enquanto oprimidos e assim buscassem sua libertação, transforma-se em uma de suas maiores obras: *A pedagogia do Oprimido*. Nesta obra Freire deposita todos os conceitos que considera relevantes para uma educação libertadora.

A proposta de Freire é que a educação dentro da sala de aula possa desenvolver no aluno a criticidade, a consciência política e a inquietação em relação ao meio em que está inserido. Pensar o método freiriano de educação deve ter como eixo a consciência de que ensinar não é transmitir saberes, considerando que cada sujeito é portador de

seus saberes. A missão do educador é possibilitar que o educando produza seu próprio conhecimento a partir da sua leitura de mundo, contudo o educador não deve abandonar sua função que a de proporcionar ao educando um “caminho” por onde este deve seguir partindo de sua consciência própria.

Segundo Freire os alunos chegam escola portando conhecimentos próprios¹, e a interação destes conhecimentos, conjunto com o mundo em que estão inseridos é que ira produzir uma educação consciente. O conceito de educação proposto por Paulo Freire ganha força principalmente em meio aos movimentos sociais, e será adotado como um mecanismo de libertação do sujeito e uma forma de conscientização e formação de militantes destes movimentos. A *Pedagogia do Oprimido* quando adotada como libertadora, deve seguir dois momentos distintos, que a transformará num mecanismo existente e permanente dentro do movimento. Assim Freire resume estes momentos:

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de libertação.”(FREIRE, 1978, p.31)

O primeiro momento deve proporcionar ao sujeito a percepção de sua realidade, do meio em que esta inserido, reconhecendo-se como oprimido, conscientizando-se desta condição e a partir disso buscar a libertação e a mudança, sem, contudo evitar o conflito com o opressor.

A contribuição freiriana no que tange a educação pode ser aplicada, em alguns casos, nos movimentos sociais, como o MST, que adota uma pratica educacional em que suas crianças estudam para ser *Sem Terra*². Este sujeito é formado de acordo com a realidade que o cerca, e consciente do seu papel dentro do movimento. Trata-se de uma Educação para liberdade, considerando que estes sujeitos estão sendo formados para a defesa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é o método educacional adotado que ira formar estes sujeitos aptos a questionarem uma ordem instalada percebendo-a enquanto opressora, para assim liberta-se. Mesmo que “incoscitamente” o

¹ Aqui deve-se atentar para o grau de conhecimento dos alunos em questão, tendo em vista que este conhecimento varia de acordo com a idade por exemplo. Adultos e crianças entram em sala portando conhecimentos, entretanto cada qual possui especificidades em relação a este conhecimento.

² VER CALDART. Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Expressão Popular, São Paulo, 2004.

Movimento Sem Terra acaba por adotar a pedagogia de Freire quanto torna sua escola um espaço próprio e individual onde os saberes de educando e educadores se juntam na construção de um movimento próprio e autônomo que se apropria da educação para fortalecer sua luta e preparar para a liberdade

Para salientar esta comparação do método freirano adotado pelo MST, faz-se necessário utilizar o trabalho de Salet Caldart, intitulado *A pedagogia do Movimento Sem Terra*, como referência para a discussão proposta. Nesta obra a autora cita o Movimento Sem Terra de forma generalizante o que não irá prejudicar nossa discussão visto que a mesma tem por objetivo uma comparação com a pedagogia do Movimento Sem Terra apresentada por Caldart relacionando a mesma com os ensinamentos deixados por Freire. Segundo Caldart a escola atua como um lugar de formação do sujeito, atentando o aluno para uma especificidade geral do Movimento, neste caso, a luta pela terra torna-se o eixo central para a educação do Sem-Terra. Caldart trás uma definição bastante clara deste sujeito Sem Terra, assim explica:

“... No Brasil , a luta pela terra e, mais recentemente , a atuação do MST acabaram criando na língua portuguesa o vocábulo com hífen *sem-terra*, e com o uso do s na flexão de número (os “sem-terras”) , indicando uma designação social para esta condição de ausência de propriedade ou posse da terra de trabalho, e projetando, então uma identidade coletiva. O MST nunca utilizou em seu nome nem o hífen, nem o s, que historicamente acabou produzindo um nome próprio, *Sem Terra*, que é também sinal de uma identidade construída com autonomia. O uso social do nome já alterou a norma referente à flexão de número, sendo hoje já consagrada a expressão os *sem terra*. Quanto ao hífen, fica como distintivo da relação entre esta identidade coletiva de trabalhadores e trabalhadoras da terra e o Movimento que transformou em nome próprio, e a projeta para além de si mesma.” (CALDART, 1997, p.20)

A pedagogia que o movimento adota tem por função além da libertação a construção de um sujeito próprio do Movimento³. Tomar a luta da terra com um eixo central, torna o modelo de educação coletivo, considerando que esta luta seja de todo sujeito envolvido com o movimento, sendo assim, partimos de uma formação individual para uma construção de um sujeito a partir do que lhe é coletivo, o que condiz

³ Considerando o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra como organização dotada de um corpo de pessoas que o compõe, palavra Movimento (quando me refiro a organização dos Sem- Terra) será iniciada com letra maiúscula . Para maiores esclarecimentos em relação ao uso deste termo ver: CALDART, Roseli Salet. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Expressão Popular, São Paulo, 2004.

diretamente com a pedagogia freiriana que considera o indivíduo como uma criação cultural coletiva⁴, ou seja, do meio em que atua.

A contribuição de Freire para a construção de uma escola no seio do Movimento, não está restrita somente no que tange uma identidade coletiva, mas incentiva o educando a assumir-se enquanto *Sem Terra*, e a partir desta assunção⁵ é que surgiria o que podemos tratar de *consciência de classe*⁶, a qual estará presente no processo do fazer-se *Sem Terra* a partir do momento que o sujeito se reconhece e assume seu papel dentro do Movimento. Este processo de reconhecimento do ser *Sem Terra* ocorre dentro do Movimento, e dentro da escola, a partir da educação que lhe é oferecida e da pedagogia adotada na formação deste *Sem Terra*. Para Caldart (2004), o sentido educativo dos *Sem Terra* está na experiência humana do Movimento. Esta experiência é que serve de exemplo e de força motriz para o educando *Sem Terra* assumi-se. A assunção do sujeito é que ira formar sua identidade.

Como aqui, a discussão central é a contribuição freiriana e obra de Caldart faz-se presente apenas para exemplifica o uso desta contribuição, ainda em relação ao para grafo anterior vale enfatizar como Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* a firma a necessidade de o sujeito assumir-se, e está assunção do sujeito ocorre dentro do processo educativo, considerando que esta pratica educativa seja envolvida por uma criticidade consciente. Para elucidar esta afirmação recorro ao próprio mestre:

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam e experiência profunda de assumi-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir - se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*.” (FREIRE, 2005, p.41)

Percebe-se desta forma que mesmo que o próprio Movimento não perceba a contribuição de Freire, mesmo sendo esta hipótese remota, a pratica educativa deste Movimento, passeia pelas teorias e modelo pedagógico deixado por Paulo Freire. Pode-

⁴NOVA ESCOLA. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2008.

⁵ Para maiores esclarecimento sobre a assunção do sujeito vale recorrer a FREIRE.

⁶ Ver THOMPSON, E. P. (Edward Palmer). **A formação da classe operaria inglesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

se considerar que o MST, como Movimento historicamente construído faz-se portados de uma Pedagogia própria acordada com sua realidade, causas e bandeiras de luta, entretanto esta pedagogia, muito bem apresentada por Salete Caldart pode ser comparada ao legado freirano uma vez que obedece o uso da educação como uma arma contra um sistema que oprime.

Fica claro o uso de uma Pedagogia singular do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra, e o ponto marcante desta Pedagogia é que ela é formadora de cidadão como um sujeito próprio⁷ do Movimento, o legado de Freire está presente quando a educação é usada para forma *gente*, como explica Caldart enfatizando o uso de uma pedagogia própria.

“O que estou propondo neste trabalho é que olhemos para a historia da formação deste novo sujeito social chamado Sem Terra, buscando enxergar nela uma pedagogia, ou seja, um modo de produzir gente, seres humanos que assumem coletivamente a condição de sujeitos de seu próprio destino, social e humano.” (CALDART, 1997, pp. 18-19).

A proposta de Caldart reflete no que diz respeito ao reconhecimento de homens e mulheres enquanto fazedores de sua própria historia, reconhecendo-se enquanto sujeito autônomos, capazes de dirigir seu próprio destino. A educação que visa o MST, e a adoção de uma pedagogia que forma para o Movimento, demonstra a capacidade que este movimento tem de formar seus próprios militantes para a defesa da causa. Este processo não ocorre de forma corriqueira, mas do que um mecanismo de luta, a Educação torna-se uma forma de demonstrar aos homens e mulheres daquele movimento que estão aptos a buscar uma mudança de sistema, ou seja, sua liberdade e logo de todo o grupo.

A pedagogia do MST está atrelada diretamente a um fator que a diferencia das demais formas de ensinar e educar. A pedagogia do MST que Caldart apresenta esta pauta num sentimento de coletividade e afetividade, que vai deste a luta pela implantação da escola no acampamento até a dedicação exclusiva dos professores⁸. Esta afetividade e dedicação que Caldart coloca, reflete diretamente nos ensinamentos de

⁷ O conceito do sujeito *Sem Terra* a que se refere o trabalho é apresentado e discutido in CALDART. Roseli Salete Pedagogia do Movimento Sem Terra. Expressão Popular, São Paulo, 2004.

⁸ Ver CALDART. Roseli Salete. **O MST e a ocupação da escola**. In: CALDART. Roseli Salete Pedagogia do Movimento Sem Terra. Expressão Popular, São Paulo, 2004.

Freire, que sempre defendeu que para educar e ensinar é preciso *querer bem aos educandos*⁹.

A pedagogia do MST que usamos como exemplo neste trabalho reflete a colaboração deixada por Paulo Freire, em suas magníficas obras em defesa da Educação. Quando Caldart apresenta esta pedagogia que forma o Sem Terra, sujeito apto para a luta pela liberdade ela aponta um caminho iniciado por Freire. Paulo Freire no contexto que Caldart trata se faz presente a todo o momento, percebe-se nas proposições da autora que a Pedagogia do Oprimido defendida por Freire está em uso, teoria e pratica a serviço da liberdade. Para, além disso, a pedagogia do MST, defendida por Caldart, pauta-se, ainda, na autonomia defendida por Freire, no que ele defende como *uma prática estritamente humana, jamais entendida como uma experiência fria, sem alma, em que sentimentos e emoções, desejos e sonhos não aparecem*.

Sendo assim temos uma contribuição indiscutível da Pedagogia Freiriana, para a construção de uma Pedagogia singular do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras sem Terra, esta contribuição pode ser observada na obra de Roseli Salet Caldart que apresenta como este Movimento assume seu papel na construção e formação de seus sujeitos e em defesa de sua causas, valendo-se da sua educação e de uma proposta pedagógica própria como principal mecanismo para ao fortalecimento do Movimento, sem contudo dissociar esta pedagogia própria da contribuição do grande defensor da Educação como *Libertadora*, o autor Paulo Freire.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1987.

CALDART, Roseli Salet. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CALDART, Roseli Salet. **Sem-terra com poesia: a arte de re-criar a historia**. Petrópolis, RJ: Editoras Vozes, 1987.

⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e pratica da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Fazer escola conhecendo a vida**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOHN, Maria da Gloria. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **Movimentos Sociais e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopez. **A identidade cultural na pos-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HILL, Chrithopher. **O mundo de ponta-cabeça. Idéias de radicais durante a revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre historia: ensaios**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo politico: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.